



TRABALHANDO A ESQUIZOFRENIA NA UTILIZAÇÃO DE JOGOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Gilberto Thiago Pereira Tavares¹
Alex Lima do Nascimento²
Leonardo Barbosa da Silva³
Paulo Ricardo Souza Costa⁴
Delanne Cristina Souza de Sena Fontinele⁵

RESUMO

A esquizofrenia é um conjunto de psicoses que atinge diversas pessoas do mundo inteiro; caracterizada por ser uma das doenças psiquiátricas mais graves e desafiadoras para a medicina. Os sintomas são ligados a emoção, pensamento, percepção, entre outros. A ausência de discussões em torno desse tema no âmbito escolar promove cada vez mais a rotulação das pessoas portadoras da doença, fortalecendo o preconceito e a discriminação social. Dessa forma, faz necessário inserir a temática de maneira alternativa na sala de aula, discutindo e propondo metodologias alternativas que visem estimular o interesse e a empatia. A exposição dialogada e o uso do lúdico foram às ferramentas utilizadas como mecanismo de promover a interação dos alunos com o conteúdo. Dessa forma, esse trabalho trouxe um breve conhecimento sobre o tema e a reflexão da problemática sofrida por todos que possuem a doença.

Palavras-chave: Esquizofrenia, Educação, Lúdico.

INTRODUÇÃO

A esquizofrenia trata-se de um transtorno psicológico que acomete pessoas em todo o mundo. Sadock e Sadock (2008). A descrevem como um transtorno mental crônico que atinge em torno de 1% da população mundial, independente de gênero, etnia ou classe social. O indivíduo com esquizofrenia deve ser tratado por profissionais desde os primeiros sintomas do surto, pois quando ocorre a generalização dos sintomas o

¹Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário UNIFACEX-RN, gil.thiago@hotmail.com.

²Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário UNIFACEX-RN, alex.lima.nascimento123@gmail.com.

³Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário UNIFACEX-RN, leobarbosa0021@gmail.com.

⁴Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário UNIFACEX-RN, pcscosta91@gmail.com.

⁵Professora orientadora: Doutora em Biotecnologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, delanne@facex.edu.br.



tratamento fica distante de surtir o efeito desejado, sendo capaz de aumentar os danos dessa enfermidade no indivíduo. OliveirA; Facina; Júnior, (2012 p. 310) descrevem:

A esquizofrenia é conhecida como uma das doenças psiquiátricas mais graves e desafiadoras. É definida como uma síndrome clínica complexa que compreende manifestações psicopatológicas variadas de - pensamento, percepção, emoção, movimento e comportamento. É comum, porém pode ser considerada pejorativa, a denominação “esquizofrênica” para o indivíduo portador de esquizofrenia, uma vez que é rotulado perante toda a sociedade. Ao serem rotulados, esquece-se que, em cada pessoa, a doença repercute de uma forma diferente.

Considerado uma temática desafiadora para ser lecionado em sala de aula por tratar-se de um conteúdo amplo e de difícil compreensão, não sendo mencionada em livros didáticos, fazendo com que a mesma nem seja citada pelo professor. O debate pedagógico no âmbito escolar tornou-se comum como forma de refletir e propor melhorias para os problemas enfrentados por toda comunidade acadêmica. Podemos citar como um dos problemas o uso exaustivo dos métodos tradicionais que tem tornado obsoletos e desmotivadores aos alunos e professores Romanha (2012).

Uma descrição da trajetória escolar indicou que em meio a algumas dificuldades ou reprovações, todos se mantiveram na escola, sem interrupção, até a oitava série enfrentando prazeres e desprazeres como todos os alunos. Apenas quando se deu a exacerbação dos sintomas psicóticos e se formalizou o diagnóstico de esquizofrenia, houve a suspensão do processo educativo que, na maioria dos casos, ocorreu antes de completarem o Ensino Médio, entre os quinze e dezoito anos, sendo 3 que em alguns casos procurou-se o ensino supletivo como alternativa para concluir a etapa do processo educativo Romanha (2012 p. 2-3).

Dessa forma, assim como em outros temas de abrangência e complexidade para ser trabalhado em sala de aula, se faz necessário inserir o lúdico como método de ensino sobre esquizofrenia, sendo capaz de tornar didático e prazeroso o processo de aprendizado dos discentes. Piaget (1990) relata que as brincadeiras fazem parte do processo evolutivo da criança em qualquer faixa etária, na qual a ludicidade auxilia no processo de ensino aprendizagem que pode por sua vez ajudar na motricidade e no processo cognitivo dos indivíduos as brincadeiras em processos multifuncionais que pode viabilizar um melhor tratamento nas questões que são pertinentes ao tratamento dos alunos que são portadores da esquizofrenia e a ludicidade desperta um olhar mais humanista no processo de ensino dos indivíduos. Cabrera (2007 p. 39).

A ludicidade na sala de aula traz uma tendência de interações estimulante e provocante que leva o adolescente à construção do conhecimento, uma vez



que propicia o desbloqueio no pensamento e favorece a aprendizagem, pois brincando e/ou jogando os alunos conseguem acionar seus processos mentais elementares ou iniciais na construção do conhecimento transformando-os em processos mentais mais elaborados,

Tratando de métodos que proporcionam ferramentas interativas e que ao mesmo tempo melhorem o processo cognitivo, e torne o processo de ensino-aprendizagem mais proveitoso, sendo essas ferramentas lúdicas importantes para o bem estar dos professores que estão ministrando as aulas, e para os alunos que estão sendo receptores do conhecimento científico as abordagens relativas a esses métodos proporciona um novo olhar mais humanista para as dificuldades enfrentadas a abordagem lúdica se mostra cada vez mais eficaz nas abordagens do ensino.

A ludicidade como recurso eficaz aplicado à educação difundiu-se, principalmente a partir do movimento da Escola Nova e da adoção dos métodos ativos. Acredita-se que brincando e jogando, o educando direciona seus esquemas mentais para a realidade que o cerca, aprendendo-a e assimilando-a mais fortemente. Por isso, pode-se afirmar que, por meio das atividades lúdicas, é possível expressar, assimilar e construir a realidade. Assim, é possível aprender qualquer disciplina utilizando-se da ludicidade, a qual pode auxiliar no ensino de línguas, de matemática, de estudos sociais, de ciências, de educação física, entre outras Freitas; Salvi, (2008 p. 4).

Portanto, existe a necessidade em expor que, ao contrário do que a maioria da sociedade pensa, a esquizofrenia não é apenas uma mudança de humor indesejado, mas um transtorno crônico e complexo, sem cura, capaz de retirar o indivíduo da realidade.

Dessa forma este trabalho propõe a elaboração e aplicação de uma sequência didática apresentanda para demonstra a dificuldade dos alunos com esquizofrenia aos discentes do ensino médio através de estratégias lúdicas; enfatizando destacar os genes ligados a esse transtorno, trazendo de forma clara e coesa os problemas enfrentados por essas pessoas através de dois jogos didáticos.

METODOLOGIA

A proposta foi desenvolvida na Escola Estadual José Fernandes Machado, com alunos do ensino médio. As atividades lúdicas foram desenvolvidas em dois momentos para o envolvimento do público discente, sendo realizada uma breve introdução antes dos jogos, a respeito da inativação dos genes associados à Esquizofrenia.



Primeira atividade - Caracterizado como um jogo didático de tabuleiro, a primeira atividade consistiu de inativar (desligar), os genes associados à esquizofrenia, na qual seu gatilho para expressão foi representado por três interruptores. Para o jogo os alunos foram divididos em grupos de até cinco componentes por partida para desligar os genes, ou seja, impedir sua expressão. No total, foram confeccionadas dez cartas de perguntas alusivas a esquizofrenia e genética.

Os alunos precisavam acertar no mínimo três questões entre as quatro perguntas. A cada acerto um dos interruptores foi desligado. E assim, foram considerados vencedores, os alunos que acertarem no mínimo três questões.

O material utilizado foi confeccionado com uma folha de isopor, papel A4, tinta guache, interruptores de luz, uma lâmpada do tipo fluorescente, folha de E.V.A rosa, cola, lápis de cor e tesoura.

Segunda Atividade - O teste cognitivo: para esta segunda atividade foi apresentada uma caixa surpresa, confeccionada de papelão, recortes, cola e tinta guache; onde foram inseridos objetos para que os discentes fizessem a identificação. A dinâmica do jogo é o aluno tentar identificar os objetos colocados dentro da caixa, a fim de estimular seu cognitivo através da utilização do tato, exercitando a memória e trabalhando o cérebro; após a aplicação da atividade foi discutido as dificuldades que os portadores da Esquizofrenia enfrentam em seu cotidiano, de modo a sensibilizar os participantes sobre o apoio aos portadores da doença. As respostas dos alunos após a participação das duas dinâmicas foram registradas para fins de análise dos resultados.

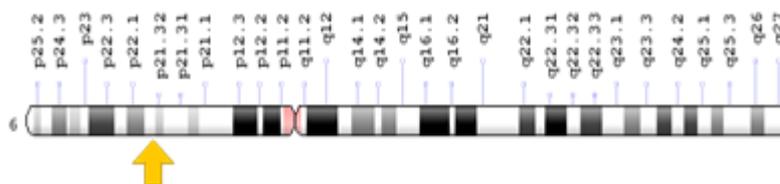
REFERENCIAL TEÓRICO

Lima e Leal (2010). diz que a esquizofrenia é o termo geral que designa um conjunto de psicoses endógenas cujos sintomas fundamentais apontam a existência de uma dissociação da ação e do pensamento. A causa exata ainda não é conhecida, mas há uma combinação de fatores genéticos e ambientais. As alterações podem ser na estrutura do DNA, podendo caracterizar tanto uma herança monogênica, como também uma característica de origem multifatorial, onde o gene pode ser expresso ou não a partir da história de vida do indivíduo. De acordo com Rangel,Santos (2013). estabelece a Esquizofrenia como os contextos etiológicos multifuncionais.

A etiologia da esquizofrenia ainda não está esclarecida e vários estudos foram e estão sendo realizados atualmente nesta área. Já se sabe que a esquizofrenia é uma doença multifatorial porque além de envolver fatores genéticos, como genes de susceptibilidade para a doença, também está relacionada a fatores ambientais, tais como viroses, complicações na gravidez e privação nutricional pré-nutricional.

Os caracteres quantitativos em geral podem ser regulados por vários genes (herança poligênica). A *Genetics Home Reference* (2019), entre eles um dos principais é o gene C4A, que apresenta outras nomenclaturas (C4, C4A2, C4A3, C4A4, C4A6, C4AD, C4S, CO4, CPAMD2, RG). O produto deste gene estaria associado à substâncias químicas cerebrais, como os neurotransmissores, que realizam a sinapse de um neurônio a outro quanto a localização citogenética (cromossômica) do gene C4A tem-se: 6p21.33, que é o braço curto (p) do cromossomo 6 na posição 21.33. Quanto a Localização molecular (gênica) do gene C4A tem-se: pares de bases da posição 31.982.057 a 32.002.680 no cromossomo 6 (*Homo sapiens*, atualização de anotação atualizada 109.20190607, GRCh38.p13) (NCBI).

Fotografia: Reconhecimento da posição do Gene da C4A no cromossomo seis.



Fonte: *Genetics Home Reference* 2019.

A expressão do gene C4A associado a Esquizofrenia dá-se por sintomas variados, como alucinações, delírios persecutórios, labilidade afetiva, entre outros. Podendo levar a um transtorno mental incapacitante que afeta todos os grupos étnicos e classes sociais, dessa forma, o diagnóstico precoce é essencial para o sucesso do tratamento. Caso o tratamento não seja iniciado aos primeiros sinais, o indivíduo pode perder a oportunidade de ter uma boa qualidade de vida como descreve Schisler (2017). O tratamento de pacientes esquizofrênicos exige a participação de uma equipe multiprofissional que deve trabalhar em conjunto para combinar abordagens farmacológicas e psicossociais, e contribuir para um melhor desempenho das abordagens terapêuticas.



A predominância da esquizofrenia é maior no sexo masculino podendo apresentar associação com a oferta hormonal, devido à testosterona, hormônio responsável pelo crescimento dos testículos, pênis e produção de espermatozoides. O diagnóstico geralmente se dá no final da adolescência, quando tem alcançado o ápice hormonal, podendo acontecer no início da vida adulta nas mulheres em associação a presença do hormônio testosterona, em menor quantidade se comparado ao sexo masculino, mas também podendo influenciar no aparecimento desse transtorno no sexo feminino. Em ambos são diagnosticados igualmente mais nos homens são espécies mais recentes. Schisler, (2017 pág 14). A forma de expressão do transtorno pode levar a inúmeras crises ao longo da vida, onde os indivíduos podem ter crises que duram anos, meses ou perdurem por toda a vida.

Segundo Correia et al. (2019) Diagnóstico da Esquizofrenia baseia-se em alguns sintomas principais, e os vários critérios internacionais de diagnóstico variam em relação à janela temporal, com sintomatologia produtiva necessária para estabelecer um diagnóstico. O prognóstico é variável e melhor quando o tratamento é iniciado o mais cedo possível. O tratamento requer uma abordagem multidisciplinar, baseada principalmente em medicamentos antipsicóticos, que embora sejam muito eficazes para os sintomas típicos da doença, desenvolvem alguns efeitos adversos com consequências orgânicas. Ao relatar a sua experiência Oliveira; Facina; Júnior (2012 p. 315). Relatam a dificuldade do trabalho com pacientes esquizofrênicos.

Difícil é a convivência com a doença ficou muito claro a importância do papel da família nesse processo de aceitação e de conhecimento sobre a doença. Não houve, no entanto, homogeneidade nos relatos, pois algumas pessoas verbalizaram sentir-se apoiadas, enquanto outras não. Isso permite afirmar que cada família reage de um modo diferente frente à convivência com a doença mental.

Em seu texto religião, saúde e cura, Santos et al. (2004), mostram que a religião também deve ser lembrada como um possível auxílio na convivência com a Esquizofrenia, tendo como aspecto negativo a influência de algumas pessoas que incentivam o doente a abandonar os remédios e procurar apenas a cura divina. É importante usar a medicação para fazer o controle do seu quadro clínico e não deixar que o fator da religião possa mudar, destacando que o desmame do medicamento feito de forma incorreta pode levar o indivíduo a um colapso muito pior da sua situação clínica, podendo atrapalhar o controle da doença. Dessa forma, tanto para pacientes com



esquizofrenia, como outros quadros clínicos, é importante relatar que a religião ou crença deve ser somar positividade a vida daquele paciente.

Gabrilli (2014). Solicita o aperfeiçoamento de ações de saúde mental oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), sendo necessário divulgar os sintomas e possíveis causas da doença, inclusive sobre o uso de álcool e drogas como fatores desencadeadores de crises em pessoas com esquizofrenia estas sofrem bastante com o estigma carregado pela doença. Para amenizar esse conflito, é preciso abordar o assunto com toda a população de forma natural e clara utilizando métodos eficazes que possam melhorar a inclusão e compreensão desse transtorno; auxiliando na aceitação social dos pacientes e trazendo métodos de inclusão social.

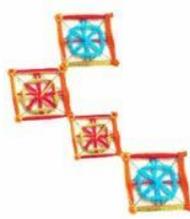
É importante a inclusão escolar do paciente devidamente diagnosticado, de modo a mantê-lo no convívio social e incluí-lo com auxílio de métodos de ensino que possam ajudar o desenvolvimento cognitivo, podendo resultar em avanços significativos no tratamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na aplicação dos métodos utilizados os alunos que participaram das dinâmicas sobre os fatores genéticos que podem levar ao desenvolvimento da esquizofrenia, bem como, seus sintomas e métodos para tratamento e inserção social dos portadores desse transtorno na sociedade. Sendo abordadas de maneira intuitiva e dinâmica, a fim de tornar claro e coeso as demonstrações em questão. A interação dos alunos durante a exposição dialogada do conteúdo quanto na aplicação prática da atividade, demonstrou a satisfação pela abordagem do tema e dos métodos propostos. Com base nessa análise, o resultado obtido possui um excelente nível de satisfação.

Durante o jogo de tabuleiro a maioria dos alunos tiveram três acertos o que caracterizou maior quantidade de interruptores desligados, conseqüentemente, inativando os genes ligados à esquizofrenia.

Na atividade da caixa os alunos relataram o nível de dificuldade enfrentado para identificar os objetos apenas com o tato devido a relação cognitiva as pessoas com esse diagnóstico tem uma dificuldade para poder equilibrar seu senso cognitivo de acordo com Ignácio(2016). Que usa ferramentas de jogos para melhor entender os processos



cognitivos dos indivíduos com a esquizofrenia. Dessa forma, ficou clara a compreensão sobre a realidade vivida por pessoas portadores e que a utilização de jogos e a prática de instrumentos podem sim colaborar para a melhora dos indivíduos .

A aplicação das atividades estão demonstradas através das imagens abaixo, onde expõe o momento da exposição dialogada, tendo o jogo de tabuleiro e o teste cognitivo para fins da realização a fim de trazer conhecimento sobre a temática e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com a esquizofrenia. Com base nisso no jogo que fizemos às cegas onde as pessoas precisam colocar a sua mão em uma caixa e tentar descobrir qual o objeto ele estar pegando. Dentro da caixa colocamos matérias como tubo de pasta, tampa de garrafa moedas matérias que podem de certa forma confundi los para que possam estimular seu senso cognitivo.

Fotografia 1-3: Aplicação da Atividade “Inativando genes da Esquizofrenia”.



Fonte: Autores, 2019.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática abordada trouxe a tona algo de suma importância social, mas comumente, não abordado e debatido com jovens e adultos no ambiente acadêmico com graduandos em licenciatura e conseqüentemente, não levados a escolas. A aplicação do tema com base nos métodos utilizados sensibilizou os alunos que não conheciam as nuances e características da esquizofrenia e/ou não tinham uma visão ampla a respeito da temática.

A participação nas dinâmicas sobre os fatores genéticos que acarretam o desenvolvimento da esquizofrenia, bem como, os sintomas e métodos para tratamento e inserção social dos portadores da doença na sociedade, trouxe uma ampla reflexão e empatia por parte dos discentes com os portadores da esquizofrenia a dinâmica demonstrada não foi aplicada com portadores da doença mais intenção e demonstra a dificuldade enfrentada e com isso foi possível sensibilizar e demonstra as dificuldades enfrentadas pelos mesmos.

REFERÊNCIAS

CABRERA, Waldirléia Baragatti. **A ludicidade para o ensino médio na disciplina de biologia: Contribuições ao processo de aprendizagem em conformidade com os pressupostos teóricos da Aprendizagem Significativa**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Biologia/Dissertacao/ludicidade.pdf> Acesso em: 06 set. 2019.

COELHO, queirós, Tiago; LUDGERO; Filipa; linhares; CORREIA diogo, telles. Esquizofrenia: **O Que o Médico Não Psiquiatra Precisa de Saber**. EBESCO: INFORMATIO E SEVICE, PORTUGAL, v. 32, n. 70-77, ed. 1, t. 8, 1 jan. 2019. Acesso 03 set. 2019.

FREITAS, E. S.; SALVI, R. F. **A ludicidade e a aprendizagem significativa voltada para o ensino de geografia**. p.4. disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/89-4.pdf> acesso em 03/09/2019

GABRILLI, Mara SÃO PAULO). **Esquizofrenia**. In reivindica políticas públicas à população com esquizofrenia. são paulo: [s. n.], 15 maio 2014. website.<<https://tucano.org.br/mara-gabrilli-reivindica-politicas-publicas-a-populacao-com-esquizofrenia/>> Acesso: 05 Set. 2019 .



IGNÁCIO, Mônica. **Reabilitação das funções executivas de pessoas com esquizofrenia**: proposta de um jogo sério contextualizado nas atividades instrumentais de vida diária. orientador: cristina queirós. 2016. 229 p. tese (doutorado) - aluno, [s. l.], 2016. disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/102382/2/177869.pdf>. acesso em 30 ago. 2020.

LIMA Costa, Naiara; LEAL Calais, Sandra **Esquizofrenia: intervenção em Instituição Pública de Saúde Psicologia USP**, vol. 21, núm. 1, enero-marzo, 2010, pp. 183-198 Instituto de Psicologia São Paulo, Brasil

OLIVEIRA, Renata Marques; FACINA, Priscila Cristina Bim Rodrigues; JÚNIOR, Antônio Carlos Siqueira. **A realidade do Viver Com Esquizofrenia**. Revista brasileira de enfermagem: REBEN, SÃO PAULO, ano 2012, v. 65, n. 2, p. 309-316, 30 maio 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a17.pdf>> Acesso: 03 Set. 2019.

PIAGET, J. **A representação do mundo da criança**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

ROMANHA, Rosane. **Memórias e vivências escolares de portadores de esquizofrenia e seus familiares**. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Universidade do Sul de Santa Catarina. P. 2-3. 2012.

RANGEL, bárbara LUIZA; dos SANTOS, adriana. aspectos genéticos da esquizofrenia revisão de literatura. **revista uningá review**, [S.l.], v. 16, n. 3, dez. 2013. ISSN 2178-2571. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1477>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. **Manual conciso de psiquiatria clínica**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SANTOS, Elder Cerqueira-; KOLLER, Sílvia Helena; PEREIRA, Maria Teresa Lisboa Nobre. **Religião, Saúde e Cura**: um Estudo entre Neopentecostais. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO,, SCIELO, ano 24, v. 3, n. 11, p. 82-91, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n3/v24n3a11.pdf>> Acesso 04 Set. 2019.

SCHISLER, Viridiana. **Farmacoterapia no tratamento da Esquizofrenia**. 2017. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências da Saúde, Sinop, 2017.
<http://bdm.ufmt.br/handle/1/1285>

UNDERSTANDING (USA). GENETIC HOME REFERENC. **Gene C4A**. In: GENETIC CONDITIONS (USA ESTADOS UNIDOS). Genetic home referenc. Gene C4A: complemento C4A (grupo sanguíneo de Rodgers). USA, 3 set. 2019. Diponível em: <<https://ghr.nlm.nih.gov/gene/C4A#resources>> Acesso: 05 Set. 2019.